



24º ENANCIB
Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação
Perspectivas Contemporâneas na Ciência da Informação
• Vitória - ES • Ancib • PPGCI/UFES



XXIV ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – XXIV ENANCIB

ISSN 2177-3688

GT 2 – ORGANIZAÇÃO E REPRESENTAÇÃO DO CONHECIMENTO

**REPRESENTAÇÃO DA INFORMAÇÃO E OS METADADOS DOS REGISTROS DIGITAIS
ARQUIVÍSTICOS**

INFORMATION REPRESENTATION AND METADATA FOR ARCHIVAL DIGITAL RECORDS

Pedro Felipy Cunha da Silva – Universidade Federal da Paraíba (UFPB)
Wagner Junqueira de Araújo – Universidade Federal da Paraíba (UFPB)
Virgínia Bentes Pinto – Universidade Federal do Ceará (UFC)

Modalidade: Trabalho Completo

Resumo: Introdução: A representação da informação é uma temática fundamental que se concretiza por meio de textos verbais (metadados) e não verbais (cores, sons, imagens) independentemente do tipo e suporte de registro do documento. Objetivo: Esta pesquisa tem como objetivo refletir sobre a representação da informação e os metadados de registros digitais arquivísticos. Procedimentos metodológicos: Trata-se de uma pesquisa bibliográfica e documental que apresenta como resultado reflexões acerca da relação entre as categorias de representação da informação, e os conceitos de registro digital e registro digital arquivístico. Resultados: O estudo sugere a aproximação do processamento computacional dos metadados lógicos dos registros digitais arquivísticos com o modelo cognitivo de criação de representações como inscrição, como etapa de um processo de construção de sentido para estes registros. Que o modelo de representação de classificação pode contribuir para estruturar padrões de metadados que facilitem ou reproduzam as possibilidades cognitivas de construção de classes e enquadramento desses registros nestas classes. E a possibilidade de transposição da ideia de representação de categorização para a definição de elementos que consigam subsidiar decisões qualificadas de categorização relacionadas à temporalidade, mas sem desconsiderar o potencial infomemorial dos registros digitais arquivísticos. Considerações: Mesmo com a demonstração das relações entre os conceitos, este estudo possui os limites de uma pesquisa inicial, e em andamento, e indica para trabalhos futuros a aproximação necessária com as análises da terminologia e ciência da computação.

Palavras-chave: representação da informação; metadado; registro digital arquivístico.

Abstract: *Introduction: The representation of information is a fundamental issue that takes the form of verbal texts (metadata) and non-verbal texts (colors, sounds, images) regardless of the type and support of the document record. Aim: The aim of this research is to reflect on the representation of information and metadata in archival digital records. Methodological procedures: This is a bibliographical and documentary research which results in reflections on the relationship between the categories of information representation, and the concepts of digital record and archival digital record.*

Results: The study suggests the approximation of the computer processing of the logical metadata of archival digital records with the cognitive model of creating representations such as inscription, as a stage in a process of constructing meaning for these records. That the classification representation model can contribute to structuring metadata standards that facilitate or reproduce the cognitive possibilities of constructing classes and framing these records in these classes. And the possibility of transposing the idea of categorisation representation to the definition of elements that can support qualified categorisation decisions related to temporality, but without disregarding the infomemorial potential of archival digital records. Considerations: Even with the demonstration of the relationships between the concepts, this study has the limits of an initial and ongoing study, and indicates for future work the necessary rapprochement with the analyses of terminology and computer science.

Keywords: *information representation; metadata; archival digital record.*

1 INTRODUÇÃO

A informação e os fenômenos a ela relacionados precisam ser estudados, incluindo todas as possibilidades que as tecnologias digitais de informação e de comunicação têm criado (Lehmkuhl; Silva, 2023; Lima; Campos, 2022; Novellino, 1996).

A ampliação do uso das plataformas digitais para a realização de tarefas cotidianas das pessoas e instituições alterou o modo como a informação é produzida, armazenada, organizada, recuperada e acessada.

Computadores, *smartphones*, *tablets* e os mais diversos tipos de equipamentos eletrônicos permitem que ações sejam registradas por meio de aplicativos, sensores e *softwares*, transformadas em dígitos binários e codificadas para a linguagem das máquinas.

É imprescindível uma estrutura de significado para subsidiar o processamento das informações pelas máquinas e pelos seres humanos, de modo que quando for necessária a sua recuperação pelo usuário, essa tarefa seja possível para quem busca e para quem (ou o quê) precisa torná-la acessível.

É exatamente nesse ponto que os conhecimentos produzidos pela ciência da informação e pela arquivologia, em disciplinas como a representação da informação e terminologia, podem colaborar. Na compreensão dos desafios decorrentes da transformação digital e seus impactos na produção dos registros.

[...] a arquivologia parte do motivo da criação do documento para elaborar os instrumentos de acesso à informação. Já para ciência da informação, o ponto de partida para a gestão da informação é a demanda, como se encontra em Marchiori (2002, p. 75). "Avaliar como essas duas perspectivas podem se integrar parece crucial para se promover a cooperação desejada (Rodrigues, 2006, p. 115).

XXIV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação – XXIV ENANCIB
Vitória-ES – 04 a 08 de novembro de 2024

A representação no contexto da ciência da Informação, arquivologia e museologia se configura como a identificação de metadados concernentes às temáticas discutidas nos documentos – analógicos ou digitais, com a finalidade de oferecer indícios ou pistas para a sua recuperação. Ou melhor dizendo, a representação da informação pode ser considerada em duas perspectivas. Uma como ação cognitiva ou “maquinitiva” de identificar o conteúdo dos documentos. E a outra constitui-se como o resultado ou o conjunto de metadados identificados (Bentes Pinto, 1999).

Documento, conforme Otlet (1907 *apud* Rayward, 1997, p. 299, tradução nossa), consiste “no que quer que seja que represente ou expresse um objeto, um fato, uma impressão por meio de qualquer sinal (escrita, pintura, diagrama, símbolos)”.

A arquivologia é a principal área que possui competência para estudar os “diferentes significados que os documentos podem assumir” (Araújo, 2013, p. 79); ainda que “não seja um corpo teórico consolidado” (Rodrigues, 2006, p. 103).

Embora haja o conceito de documento como “unidade de registro de informações, qualquer que seja o suporte” (Arquivo Nacional, 2005, p. 73), no contexto dos ambientes digitais, documento “não significa o atrelamento da entidade documental a determinado tipo de suporte, mas à necessidade de estabilidade e permanência” (Rondinelli, 2013, p. 53) da informação nele contido.

Sabe-se que um registro ou documento digital se constitui de elementos físicos, lógicos e conceituais (Rondinelli, 2013; Rogers, 2015). Nesse sentido, representá-los exige o estabelecimento de significados para cada um desses elementos.

Por essas razões, os metadados apresentam-se como componentes indispensáveis para que registros e documentos criados nos ambientes digitais alcancem, nas máquinas e nos seres humanos, o significado capaz de favorecer sua gestão, preservação e acesso.

Metadados podem ser conceituados como “[...] informação estruturada para as ações de identificação, descoberta, seleção, uso, acesso e gerenciamento” (Simionato Arakaki; Arakaki, 2020, p. 37).

Porém, estruturar metadados apropriados para diferentes finalidades requer o uso de identificadores adequados aos sentidos e significados que se deseja alcançar. Por isso, os estudos terminológicos também são relevantes para este trabalho.

Relacionar as denominações aos conceitos científicos foi a origem dos estudos da terminologia (Almeida, 2003, p. 211), que busca entender e descrever as regras de formação dos termos de cada domínio de especialidade.

Isto posto, o estudo em lide tem como objetivo: refletir sobre a representação da informação e os metadados de registros digitais arquivísticos.

Assim, neste texto, buscamos oferecer uma contribuição para uma abordagem teórica, específica, que permita a discussão e o aprofundamento dos estudos do Registro Digital Arquivístico (RDA), “[...] uma unidade de registro de informações e um tipo de documento digital que alia conteúdo à descrição e contextualização do mesmo” (Silva; Araújo; Siebra, 2021, p. 4).

Trata-se de um estudo de reflexão, que usa do suporte teórico oferecido pela literatura específica da área e que busca descrever, de forma inicial, a relação entre os três tipos de representação da informação propostos por Meunier (2002) e os metadados que compõem os RDAs. Trata-se de um exercício teórico que faz parte de uma tese em desenvolvimento que aborda os metadados e os RDAs.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 Procedimentos Metodológicos

Este trabalho está inserido em uma pesquisa de doutorado em andamento, junto a um Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação, cujo objeto de estudo são os metadados dos registros digitais arquivísticos.

A partir das discussões em sala de aula, promovidas na disciplina de representação da informação e terminologia, foi realizada uma revisão integrativa que teve como objetivo integrar e sintetizar resultados das discussões e a análise de artigos sobre o tema. A revisão integrativa permite:

[...] a inclusão de estudos experimentais e não-experimentais para uma compreensão completa do fenômeno analisado. Possibilita combinar dados da literatura teórica e empírica, além de incorporar um vasto leque de propósitos: definição de conceitos, revisão de teorias e evidências, e análise de problemas metodológicos de um tópico particular (Souza; Silva; Carvalho, 2010, p. 103).

A pesquisa pode ser classificada como de natureza aplicada, “[...] base para orientar ações e/ou políticas que visam resolver/solucionar problemas/questões de ordem da

realidade cotidiana da vida de grupos sociais, organizações e instituições” (Alves, 2023, p.19). De abordagem qualitativa “[...] busca compreender, de forma interpretativa, os sentidos/significados dos fenômenos[...].” (Alves, 2023, p. 20). Bibliográfica e documental, visto que se utiliza de livros e artigos, mas também, de documentos técnicos (Alves, 2023).

E em relação ao objetivo, caracteriza-se como exploratória, já que as fontes utilizadas são “fundamentalmente do tipo bibliográficas [...] com objetivo de propiciar uma apropriação teórica com vistas a possibilitar mais conhecimentos por parte do pesquisador sobre o tema [...]” (Alves, 2023, p. 21). E descritiva, já que visa “identificar, registrar, especificar e descrever como os fenômenos se estruturam e funcionam [...]” (Alves, 2023, p. 21).

O estudo indicou uma relação entre os metadados e a representação da informação dos registros digitais arquivísticos, e os detalhes serão apresentados a partir da seção a seguir.

2.2 Representação da Informação e Registro Digital Arquivístico

Este trabalho parte das reflexões dos conceitos apresentados por Meunier (2002) e faz as conexões com definições e conceitos presentes na literatura da área de arquivologia. Para relacionar os tipos de representação da informação com os RDAs, iniciaremos esclarecendo o que se entende como registros digitais:

[...] consistem em dados gerados pelo usuário (conteúdo), metadados gerados pelo sistema de identificação de origem e localização, metadados gerados pelo aplicativo que gerencia aparência e desempenho do registro (exemplo: formato de arquivo nativo), metadados gerados pelo aplicativo de descrição dos dados (exemplo: metadados do sistema operacional do sistema de arquivos) e metadados gerados pelo usuário que descrevem os dados (Rogers, 2015, p. 16, p. 18, tradução nossa).¹

Os RDAs são uma unidade de registro de informações e um tipo, composto de conteúdo, descrição e contexto, que se aproxima da definição de documento digital por sua composição em dígitos binários e a necessidade de sistema computacional para sua leitura. Porém, não se limita à forma clássica, uma vez que também considera outros elementos como parte da sua constituição (Silva; Araújo; Siebra, 2021, p. 4). “A condição arquivística dos registros digitais se dará, portanto, quando sua produção e acumulação forem realizadas

¹ No original: “Digital records consist of user-generated data (content), system-generated metadata identifying source and location, application-generated metadata managing the look and performance of the record (e.g., native file format), application-generated metadata describing the data (e.g., file system metadata OS), and user-generated metadata describing the data”

como prova do desempenho das atividades das pessoas, físicas ou jurídicas, por eles responsáveis (Silva; Araújo; Siebra, 2021, p. 4)''.

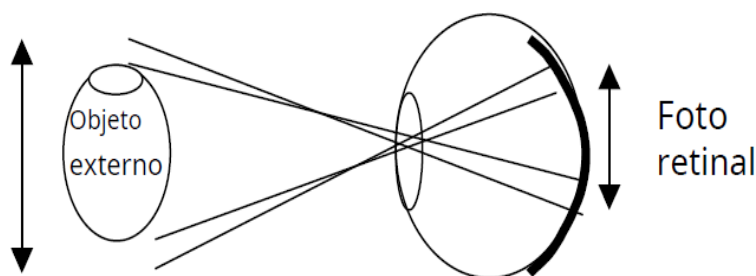
Quando um profissional da informação realiza um processo de classificação, catalogação, indexação, dentre outros, ele está fazendo representação da informação, contudo, a representação da informação não se limita a esses procedimentos.

A representação da informação divide-se em três tipos: representação como inscrição, representação como classificação e representação como categorização (Meunier, 2002). O primeiro tipo é descrito da seguinte forma:

Na literatura técnica das ciências cognitivas, o primeiro espaço teórico onde o conceito de representação aparece é aquele onde explicamos como um estado interno que é criado quando os órgãos de captura de um agente – por exemplo: o olho, o ouvido, o nariz, etc. são afetados por um objeto externo (distal) ou interno (proximal). Esses órgãos constituem o que tradicionalmente chamamos de "sentidos". Quando estimulados, produzem um estado físico interno. Não estamos falando aqui da "sensação", ou seja, da percepção consciente que o agente pode ter da reação desses sentidos, mas apenas do traço físico que se constrói em cada um dos sensores (Meunier, 2002, p. 6, tradução nossa).²

Para exemplificar tal teoria, Meunier (2002) utiliza o exemplo da visão enquanto sentido humano. Segundo o autor, tudo que acontece do objeto externo até o olho humano, incluindo a luminosidade envolvida, o processamento pelos diversos componentes oculares até a formação de uma imagem na retina, seria uma espécie de descrição do objeto externo, por isso sua tradução em termos representacionais. O autor usa a figura abaixo:

Figura 1 – Representação da informação como inscrição no olho humano



Fonte: Meunier (2002, p. 7)

² No original: "Dans la littérature technique des sciences cognitives, le premier espace théorique où le concept de représentation apparaît est celui où on explique comment un état interne est créé lorsque les organes de captation d'un agent - par exemple: l'oeil, l'oreille, le nez, etc. sont affectés par un objet externe (distal) ou interne (proximal). Ces organes constituent ce que traditionnellement on appelle les « sens ». Lorsque stimulés, ils produisent un état physique interne. Nous ne parlons pas ici de la « sensation » c'est-à-dire de la perception consciente que l'agent peut avoir de la réaction de ces sens, mais uniquement de la trace physique qui est construite dans chacun des capteurs."

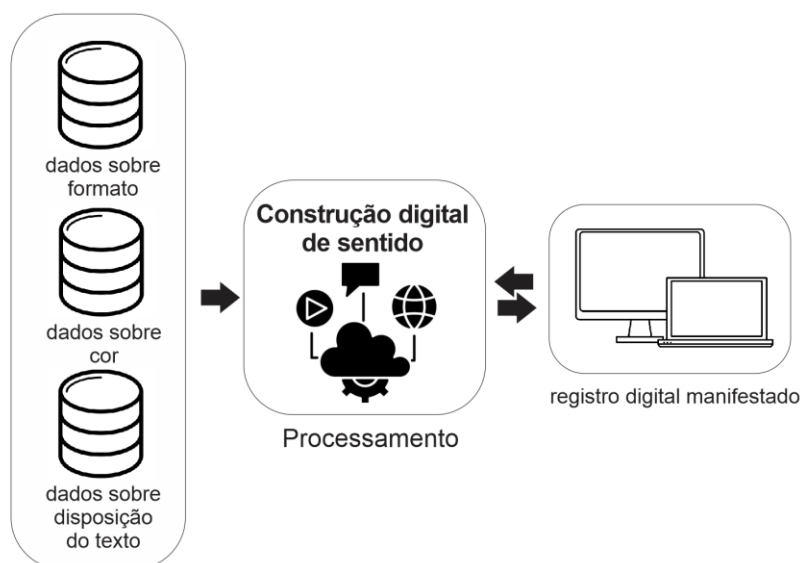
Essa representação das características do objeto, como sua cor, suas relações de proporcionalidade, sua intensidade de luz, são, portanto, de acordo com Meunier (2002), uma reação física inicial necessária para a construção do sentido.

Aqui, podemos iniciar com uma primeira reflexão: a relação entre a representação da informação como inscrição e o conceito de documento arquivístico digital manifestado:

Trata-se, pois, de uma realidade dinâmica inerente à própria natureza do documento digital pela qual este possui uma forma manifestada, isto é, aquela que é visível ao usuário, à qual corresponde uma codificação digital. Tal codificação se traduz em cadeias de bits inscritas num suporte magnético ou ótico. As cadeias de bits se constituem nos chamados componentes digitais os quais compreendem dados que determinam a forma do documento e os que definem o conteúdo. Há ainda um terceiro grupo de dados que são aqueles que regulam o processamento dos dois primeiros, quando necessário, bem como os metadados relacionados ao documento. São os chamados dados de composição (Rondinelli, 2011, p. 233).

Se no processo de construção de sentido dos objetos de forma geral, na perspectiva das ciências cognitivas há um momento em que os dados são recebidos e fisicamente estimulam um processo inicial de construção de significado. Há, de forma análoga, com os documentos e registros digitais – respeitadas as suas especificidades de composição, um processamento inicial de elementos físicos que precisa ocorrer para que os mesmos atributos (formato, cor, disposição no ambiente em que será interpretado) sejam descritos e possibilitem a mediação homem-máquina e sua consequente leitura por ambos, conforme buscamos demonstrar na figura a seguir.

Figura 2 – Representação da informação como inscrição nos RDAs



Fonte: elaborado pelos autores (2024)

XXIV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação – XXIV ENANCIB
Vitória-ES – 04 a 08 de novembro de 2024

Desta necessidade – de construir significado para a geração de documentos manifestados, que reproduzam de forma confiável a informação e os elementos visuais que a tornam autêntica, podemos dizer que devem existir metadados para “representação da informação como inscrição” específicos para documentar o caráter “manifestado” dos RDAs.

Isto é, os metadados que traduzem a aparência do registro são fundamentais para esse processamento inicial – a construção digital de sentido, que aqui relacionamos com o primeiro tipo de representação da informação, a representação como inscrição.

O segundo tipo de representação da informação é a representação da informação como classificação. Diz respeito às “operações que um agente deve realizar para processar a multiplicidade de diferentes informações que recebe dos seus órgãos sensoriais” (Meunier, 2002, p. 8). Para o autor, “um agente não pode simplesmente registrar e arquivar os registros recebidos um por um” (Meunier, 2002, p. 8). Ou seja, os registros acumulados agrupam-se por meio de conexões, que assumem uma infinidade de valores. Tais conexões interligam-se a um mecanismo que estrutura e viabiliza a busca e a recuperação eficiente da informação.

Percebe-se, nesse caso, uma relação entre a representação da informação como classificação e a função de classificação arquivística, que “diz respeito à ordenação física e intelectual dos documentos, de forma hierarquizada e explicitando as relações entre eles” (Vital; Bräscher, 2015, p. 2).

O processo de classificação para a arquivologia, pode ser dividido como intelectual e físico:

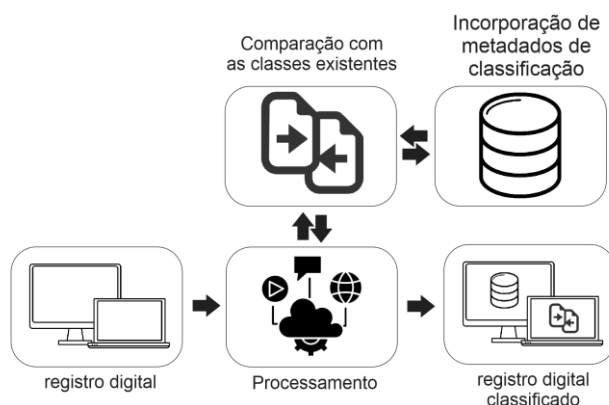
A parte intelectual se refere à classificação propriamente dita (processo mental de estabelecimento de classes) e à ordenação (a disposição dos documentos nas classes estabelecidas). A codificação entra como último elemento dessa parte intelectual. A parte física é representada pelo arquivamento dos documentos em um local determinado pela classificação e disposto segundo uma ordem definida (Souza, 2014, p. 6).

Para explicar o processo de representação da informação como classificação, Meunier (2002, p. 8-9) apresenta como exemplo as sinapses cerebrais. De acordo com o autor, embora o cérebro humano tenha a capacidade de arquivar uma infinidade de registros ou “inscrições” durante sua vida, “é necessário explicar como esse organismo consegue em um tempo relativamente curto encontrar, comparar e ligar cada um desses registros a ações” Meunier (2002, p. 8-9). O autor questiona ainda “como o cérebro agrupa estas inscrições múltiplas e diferentes em formas sintéticas que permitem que sejam manipuladas de forma eficaz, em

tempo real e associáveis a uma infinidade de ações diferentes” Meunier (2002, p. 8-9). Ainda nesse cenário, “Estão em ação operações complexas de formatação e agrupamento, ou seja, classificação. [...]” (Meunier, 2002, p. 9). Uma parte do que foi registrado sofrerá transformações e se apresentará em forma de síntese. “[...] a representação que acabará por ser produzida conterá apenas uma pequena parte do que foi capturado (Meunier, 2002, p. 9)”.

O que nos impele a nossa segunda reflexão: podemos inferir que, de maneira análoga, a função arquivística de classificação, ao escolher classes (processo mental) sob as quais os documentos e registros serão representados (ordenação dos documentos em classes), possui uma relação direta com o processo de representação da informação como classificação. A figura 3 ilustra essa relação.

Figura 3 – Representação da informação como classificação nos RDAs



Fonte: elaborado pelos autores (2024)

No contexto dos RDAs, entende-se ser fundamental o estabelecimento de metadados específicos para a representação da informação como classificação, com vistas a favorecer a vinculação de cada registro a uma ação, quem produziu, organização, cadeia de custódia e/ou às outras demandas arquivísticas com as quais os registros precisam ser vinculados.

No terceiro tipo de representação da informação, como categorização:

[...] é necessário explicar como o agente se situa em relação as representações como classificação e, sobretudo, como elas são colocadas em inter-relação entre si para construir sistemas complexos de “crenças” e, por fim, situá-las em relação às ações no ambiente (Meunier, 2002, p. 12).

Meunier (2002, p. 12) defende que “as representações como inscrição e como classificação são operações básicas do ponto de vista cognitivo”. E acrescenta que a

representação como categorização deve ser capaz de “manipular os resultados da classificação de uma maneira categórica, isto é, situá-los em relação a outras representações ainda mais especificamente, atribuindo-lhes uma relação específica com as ações” (Meunier, 2002, p. 12). O autor utiliza o seguinte exemplo:

[...] através das suas capacidades cognitivas qualquer ave pode facilmente perceber um objeto no seu ambiente (semente, galho, um grão de areia, etc.). Mas, para sobreviver, deve ser cognitivamente capaz de fazer mais do que apenas perceber. Deve também conhecer este objeto como pertencente a uma categoria, por exemplo, à categoria “comestível” ou “não comestível” (Meunier, 2002, p. 12).

Aqui, na perspectiva cognitiva, há um nível mais profundo de representação, desta vez atribuindo significado às representações. Já na perspectiva arquivística, categorias que atribuem valor aos registros podem estar relacionadas à função arquivística de avaliação. A avaliação arquivística é o “[...] processo de análise, partindo do nível da sociedade, da organização, das funções, das atividades ou dos documentos, com base em valores atribuídos a esses diferentes níveis, a fim de determinar os prazos de guarda e o destino destes últimos” (Chagas, 2020, p. 478).

Tanto a avaliação quanto a classificação são funções arquivísticas, conforme Rousseau e Couture (1998). Porém, no caso da avaliação, existem elementos que parecem estar mais ligados à subjetividade e à cognição:

A avaliação é um dos principais desafios enfrentados pelo arquivista. Definir pela “vida” ou “morte” de um documento envolve ter critérios claros e precisos, sem desconsiderar, contudo, a subjetividade envolvida em qualquer processo de escolha. Ao envolver o poder de moldar a memória, trata-se da maior responsabilidade para o profissional do nosso tempo (Chagas, 2020, p. 478).

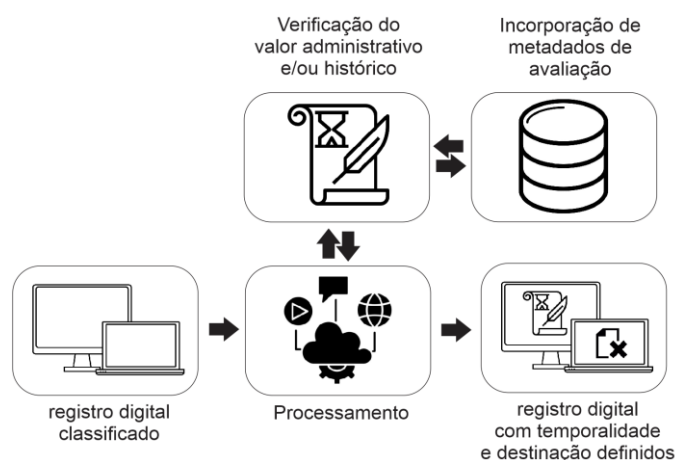
Isto é, se na perspectiva cognitiva há a necessidade de se estabelecer além da percepção uma construção de sentido que categorize os registros; também há, na perspectiva arquivística, a necessidade de se estabelecerem valores que separem os registros e documentos em diferentes categorias.

No caso da arquivologia podemos dizer que a avaliação, que é feita com base na classificação, serve de lastro para a gestão dos documentos, que é fundamental para que o acesso às informações seja possível. Na perspectiva cognitiva, a representação como categorização é feita com base na representação como classificação, e juntas fundamentam a

construção das relações de sentido necessárias para que haja a recuperação dos registros gravados em nossa mente.

De modo similar às outras representações, entendemos a importância da definição de metadados específicos que atuem na representação da informação como categorização, com o objetivo de atrelar aos RDAs às informações relativas ao tempo de guarda nas diferentes fases documentais, bem como aquelas relativas à sua destinação. A figura 4 ilustra essa definição.

Figura 4 – Representação da informação como categorização nos RDAs



Fonte: elaborado pelos autores (2024)

Neste exercício de reflexão, é possível perceber a relação entre os três tipos de representação da informação propostas por Meunier (2002) e os conceitos arquivísticos de avaliação, classificação e documento manifestado, bem como a necessidade da existência de metadados que concretizem tais conceitos em aplicações das necessidades a eles vinculadas, no que se refere aos RDAs.

Colaborar na criação de registros e documentos que possam ser geridos e preservados para serem acessados quando necessário continua sendo o desafio da arquivologia, da ciência da informação e de tantas áreas correlatas.

[...] a arquivologia tem recursos teóricos que podem servir de base para a elaboração de uma metodologia de classificação de documentos arquivísticos que possibilite o fácil acesso à informação arquivística contida no arquivo em si, naquilo que o conjunto, em sua forma, em sua estrutura, revela sobre a instituição ou sobre a pessoa que o criou. Essa classificação permite também o acesso à informação contida no documento a partir de uma seleção com base no contexto de produção do arquivo (Rodrigues, 2006, p. 115).

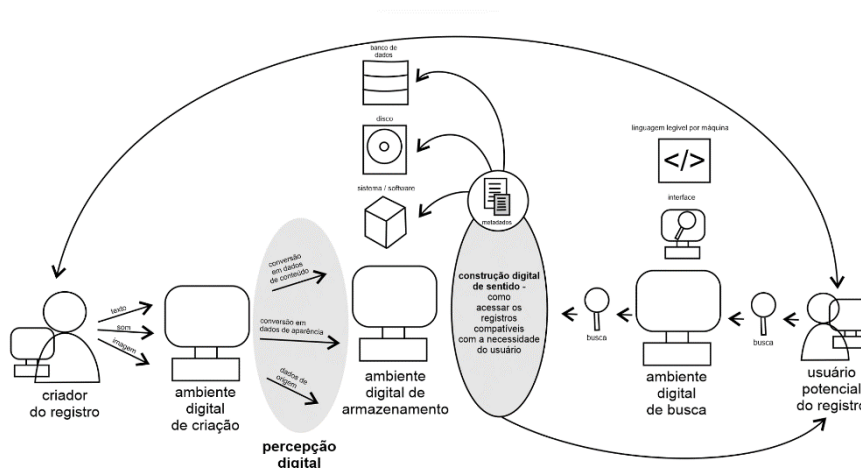
3 CONSIDERAÇÕES

Com a complexidade dos RDAs e seus componentes, gerir e dar acesso à informação que eles contêm exige esforços teóricos e metodológicos que alcancem o maior número de possibilidades.

Nesse sentido, buscou-se compreender como se estabelece uma possível configuração de relação dos três tipos de representação da informação (Meunier, 2002) com os metadados que compõem os RDAs (Rogers, 2015; Silva; Araújo; Siebra, 2021).

Para ilustrar nossa reflexão, propomos um ciclo informacional que contempla os conceitos e elementos discutidos, que se apresenta na figura a seguir:

Figura 5 – Ciclo informacional dos registros digitais arquivísticos



Fonte: elaborado pelos autores (2024)

O criador do registro – humano ou máquina, utilizando-se de um ambiente digital de criação, produzirá o registro textual, sonoro ou imagético. Uma vez criado, serão necessários dados de conteúdo, de aparência e de origem. A este conjunto de dados chamamos de “**percepção digital**”.

Os referidos dados (da percepção digital) serão inseridos em um ambiente digital de armazenamento, que os agregará por meio dos metadados aos diferentes componentes (*software*, disco e/ou banco de dados).

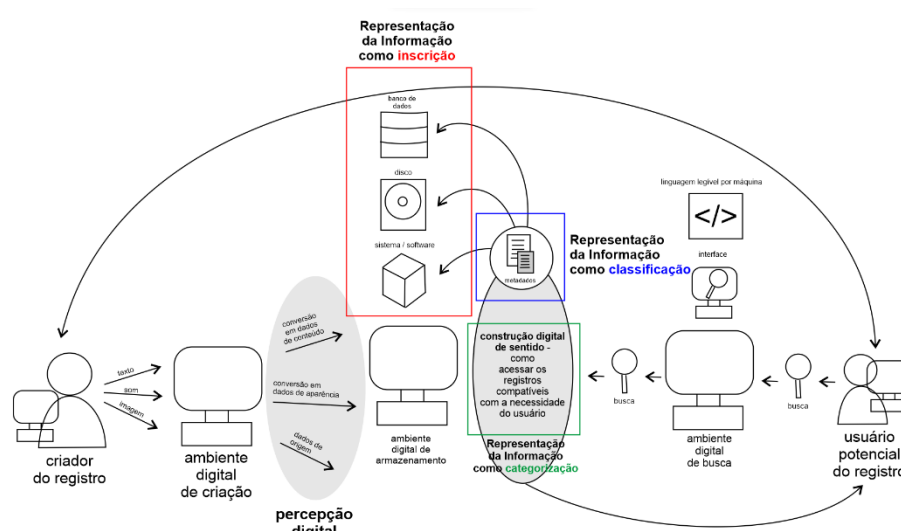
Esses mesmos metadados serão responsáveis por subsidiar o que chamamos de “**construção digital de sentido**”, a sequência de operações necessárias para acessar os registros compatíveis com a necessidade do usuário.

O usuário potencial do registro fará suas buscas em um ambiente digital projetado para esta finalidade. Aqui, é importante esclarecer que os registros precisam estar preparados para alimentar interfaces de busca e, ao mesmo tempo, disponíveis em linguagem legível por máquina, já que os usuários podem ou não ser seres humanos.

Quando as necessidades do usuário forem registradas no ambiente digital de busca e cruzadas com os metadados existentes no ambiente digital de armazenamento, haverá a construção digital de sentido – que fundamentará a recuperação e o acesso às informações.

A figura a seguir apresenta uma proposta de relacionamento entre o ciclo informacional dos registros digitais e os três modelos de Meunier (2002):

Figura 6 – A representação da informação no ciclo informacional dos RDAs



Fonte: elaborado pelo autor (2024)

O primeiro tipo de representação da informação, como inscrição, concretiza-se quando os registros são inseridos no ambiente digital de armazenamento, seja banco de dados, *software* ou *hardware*. Isto é, a inclusão dos componentes digitais que constituem a “**percepção digital**” no mecanismo de guarda virtual, que fundamentará sua existência, pode ser comparada com a resposta digital ao estímulo da sua criação.

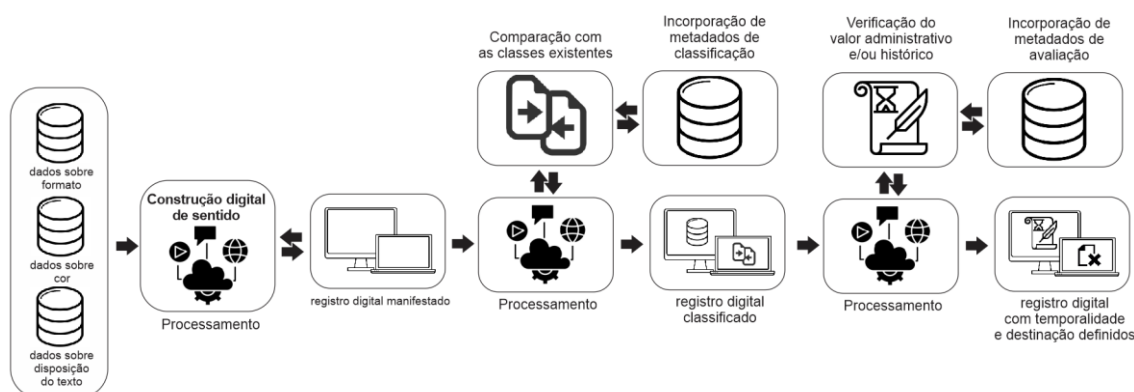
O segundo tipo de representação da informação, como classificação, materializar-se-á quando metadados relacionados à função de classificação do sistema de produção dos registros forem inseridos pelo criador ou pelas ferramentas responsáveis por esta função no sistema.

E o terceiro tipo, a representação da informação como categorização, será possível por meio do cruzamento das necessidades informacionais dos usuários com as representações dos dois primeiros tipos já armazenadas (**construção digital de sentido**).

Por fim, a categorização ocorrerá quando o cruzamento dos campos de busca inseridos ou escolhidos pelo usuário, a depender da forma como o sistema de informações for construído, com os metadados representacionais de inscrição e classificação, resultarem em uma recuperação da informação que atenda à necessidade do usuário.

A junção das representações da informação para a inscrição, classificação e categorização pode ser traduzida em metadados de constituição digital de sentido, ou metadados de inscrição, bem como nos metadados de classificação e avaliação, conforme demonstra-se na figura a seguir.

Figura 7 – Representação da informação e os metadados dos RDAs



Fonte: elaborado pelo autor (2024)

Considerando que os RDAs compreendem uma combinação de componentes digitais (lógicos, físicos e conceituais), dentre eles os metadados, e que estes componentes podem ser atribuídos de forma automática ou manual, entendemos que a representação da informação pode servir de alicerce para uma reflexão sobre qual o significado ou sentido que os dados podem provocar nas estruturas computacionais que os recebem e processam para transformá-los em informação.

O processamento computacional dos dados e metadados de composição lógicos dos RDAs pode ser relacionado ao modelo cognitivo de criação de representações como inscrição, como etapa de um processo de construção de sentido para os RDA.

XXIV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação – XXIV ENANCIB
Vitória-ES – 04 a 08 de novembro de 2024

O modelo de representação de classificação pode contribuir para estruturar padrões de metadados que facilitem ou reproduzam as possibilidades cognitivas de construção de classes e enquadramento desses registros nestas classes.

Por fim, e talvez com o maior nível de complexidade, apresenta-se como desafio a possibilidade de transposição da ideia de representação de categorização para a definição de elementos que consigam subsidiar decisões qualificadas de categorização relacionadas à temporalidade, mas sem desconsiderar o potencial infomemorial dos RDAs.

Esta reflexão apenas inicia a discussão, sem a intenção de esgotá-la, com a compreensão de que os desafios decorrentes da representação da informação e dos metadados dos RDAs não estão plenamente contemplados nesta análise.

Sugere-se, para trabalhos futuros, a vinculação deste tema às teorias terminológicas – sem as quais não há representação da informação, e aos estudos da ciência da computação sobre a construção de sistemas de produção, armazenamento e recuperação de registros digitais.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Gladis Maria de Barcellos. O percurso da terminologia: de atividade prática à consolidação de uma disciplina autônoma. *In*: SEMINÁRIO DO GRUPO DE ESTUDOS LINGUÍSTICOS (GEL) DO ESTADO DE SÃO PAULO, 50., 2002, São Paulo. **Anais** [...]. São Paulo: TradTerm, 2003. p. 211-222.

ALVES, Edvaldo Carvalho. A pesquisa científica como prática social artesanal. *In*: SANTOS, Ana Cláudia de Araújo (Org.). **Eu e o texto científico: uma relação possível**. Recife: Editora UFPE, 2023. p. 15-23. Disponível em <https://editora.ufpe.br/books/catalog/book/841>. Acesso em: 25 jun. 2024.

ARAÚJO, Carlos Alberto Ávila de. Correntes teóricas da Arquivologia. **Encontros Bibli: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação**, Florianópolis, v. 18, n. 37, 2013. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=14729734005>. Acesso em: 15 fev. 2024.

ARQUIVO NACIONAL. **Dicionário brasileiro de terminologia arquivística**. Rio de Janeiro, 2005. 232p., Publicações Técnicas, n. 51. Disponível em: http://www.arquivonacional.gov.br/images/pdf/Dicion_Term_Arquiv.pdf. Acesso em 15 fev. 2024.

BENTES PINTO, Virginia. **La representation des connaissances dans le contexte de la documentation technique**: proposition d'un modèle d'indexation. 1999. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Universidade Stendhal Grenoble 3, Grenoble, 1999.

CHAGAS, Cíntia Aparecida. Avaliação de documentos arquivísticos: teoria e metodologia. **ÁGORA**: Arquivologia em debate, Florianópolis, v. 30, n. 61, p. 478-498, 2020. Disponível em: <https://agora.emnuvens.com.br/ra/article/view/926/pdf>. Acesso em: 15 fev. 2024.

LEHMKUHL, Camila Schwinden; SILVA, Eva Cristina Leite da. A Organização do Conhecimento e da Informação: aspectos conceituais e sua aplicação nas funções arquivísticas. **Em Questão**, Porto Alegre, v. 29, p. 1-25, 2023. <https://doi.org/10.19132/1808-5245.29.125811>. Acesso em: 15 fev. 2024.

LIMA, Gercina Angela de; CAMPOS, Maria Luiza Almeida. Sistema de Armazenamento e Recuperação da Informação: uma análise do impacto das variáveis e medidas visando à organização e recuperação de informação centrado no usuário. **Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Campinas, v. 20, p. 1-22, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.20396/rdbci.v20i00.8667925>. Acesso em: 15 fev. 2024.

MEUNIER, Jean-Guy. **Trois types de représentations cognitives**. Quebec: Laboratoire d'ANalyse Cognitive de l'Information, 2002.

NOVELLINO, M. S. F. Instrumentos e metodologias de representação da informação. **Informação & Informação**, Londrina, v. 1, n. 2, p. 37-45, 1996. DOI: <https://doi.org/10.5433/1981-8920>. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/1603>. Acesso em: 15 fev. 2024.

RAYWARD, W. Boyd. The Origins of Information Science and the International Institute of Bibliography/International Federation for Information and Documentation (FID). **Journal Of The American Society For Information Science**, [S.l.], v. 48, n. 4, p. 289-300, 1997. Disponível em: <http://people.lis.illinois.edu/~wrayward/OriginsofInfoScience.pdf>. Acesso em: 15 fev. 2024.

RODRIGUES, Ana Márcia Lutterbach. A teoria dos arquivos e a gestão de documentos. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 1, n. 1, p. 102-117, 2006. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-99362006000100009>. Acesso em: 14 fev. 2024.

ROGERS, C. Diplomats of born digital documents considering documentary form in a digital environment. **Records Management Journal**, [S.l.], v. 25, n. 1, p. 6-20, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1108/RMJ-03-2014-0021>. Acesso em: 07 ago. 2021.

RONDINELLI, Rosely Curi. **O Conceito de documento arquivístico frente à realidade digital: uma revisão necessária**. 2011. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2011.

XXIV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação – XXIV ENANCIB
Vitória-ES – 04 a 08 de novembro de 2024

RONDINELLI, Rosely Curi. **O documento arquivístico ante a realidade digital: uma** revisão conceitual necessária. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2013.

ROUSSEAU, Jean-Yves; COUTURE, Carol. **Fundamentos da disciplina arquivística**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1998

SILVA, Pedro Felipy Cunha da; ARAÚJO, Wagner Junqueira de; SIEBRA, Sandra de Albuquerque. Metadados de preservação digital e os registros digitais arquivísticos. **Revista Brasileira de Preservação Digital**, Campinas, v. 2, n. 00, p. 2-20, 2021. Disponível em: <https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/rebpred/article/view/15890>. Acesso em: 15 fev. 2024.

SIMIONATO ARAKAKI, A. C.; ARAKAKI, F. A. Dados e metadados: conceitos e relações. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 49, n. 3, p. 34-45, 2020. Disponível em: <https://revista.ibict.br/ciinf/article/view/5504>. Acesso em: 15 fev. 2024.

SOUSA, Renato Tarcísio Barbosa de. Alguns apontamentos sobre a classificação de documentos de arquivo. **Brazilian Journal of Information Science**, Marília, v. 8, n. 1/2, p. 1-24, 2014. Disponível em: <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/bjis/article/view/4246>. Acesso em 12 jan. 2025.

SOUZA, Marcela Tavares de; SILVA, Michelly Dias da; CARVALHO, Rachel de. Revisão integrativa: o que é e como fazer. **einstein**, São Paulo, v. 8, n. 1, p. 102-106, mar. 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/eins/a/ZQTBkVJZqcWrTT34cXLjtBx/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em 17 set. 2024.

VITAL, Luciane; BRÄSCHER, Marisa. Representação de assunto em documentos arquivísticos. *In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO*, 16., 2015, João Pessoa. **Anais [...]**. João Pessoa, UFPB, 2015. p. 1-7.